

Teo
Lite
rária



*Arquivo recebido em
09 de outubro de 2015
e aprovado em 10 de
novembro de 2015*

V. 5 - N. 10 - 2015

* Professor do Programa
de Pós-graduação em
Ciências da Religião da PUC
Minas. Doutor em Letras.

Deus e deuses nos meandros do Livro do Desassossego: uma função do estilo

God and Gods in The Book of
Disquiet: a function of style

*Antonio Geraldo Cantarela**

Há metáforas que são mais reais
que a gente que anda na rua.

A literatura é a realização
sem a mácula da realidade.

(Fernando Pessoa)

Resumo

O vocábulo Deus/deuses aparece cerca de cem vezes no Livro do Desassossego – a obra inacabada de Fernando Pessoa –, entrelaçado à matéria-prima do livro: o dilaceramento, a angústia, a depressão. Algumas leituras da obra de Pessoa enxergam nessa negatividade uma voz profética que declara a morte de Deus e a crise da razão moderna – absolutos destituídos de seu lugar na cultura ocidental. No âmbito da Teopoética, a “resposta” de Pessoa à crise da modernidade pode ser lida como teologia apofática ou, no extremo, como mística da negação. Sem negar a validade dessas leituras, que metodologicamente tendem a vincular o poeta a seu momento histórico, e tomando-as como ponto de partida, o artigo faz uma leitura do Livro do Desassossego, mais particularmente da temática “Deus”, pelo viés metodológico do interesse pelo texto de Pessoa. Assim, por princípio e método, na esteira de Eduardo

Lourenço, Manuel Gusmão e outros críticos da obra pessoana, o Deus e os deuses do poeta português configuram construção de linguagem, efeitos de sentido ou, no expresso asserto de Pessoa, “uma função do estilo”.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; *Livro do Desassossego*; Crítica Literária; Teopoética; Deus.

Abstract

The word God/gods appears around one hundred times in the Book of Disquiet – the unfinished work by Fernando Pessoa - interwoven with the book raw material: laceration, anguish, depression. Some readings of Pessoa’s work see on this negativity a prophetic voice that states the death of God and the crisis of modern reason – absolute terms deprived of their place in western culture. In Theopoetics, Pessoa’s “answer” to the crisis of modernity can be read as apophatic theology or, in extreme terms, as the mystics of denial. Without denying the value of these readings that from the methodological point of view tend to associate the poet with his historical moment, and taking them as the starting point, this paper analyses the Book of Disquiet more specifically on the topic of “God”, using the methodological approach of the interest in Pessoa’s text. Therefore, by principle and method and following the path of Eduardo Lourenço, Manuel Gusmão and other critics of Pessoa’s work, the God or gods of the Portuguese poet are a language construction, an effect of meaning or in Pessoa’s correct assertion “a function of style”.

Keywords: Fernando Pessoa; *Book of Disquiet*; Literary Criticism; Theopoetics; God.

Introdução

A obra de Fernando Pessoa apresenta-se eivada de referências à religião, seja mais particularmente na direção de um convite a despir as roupagens da tradição cristã, seja de modo mais geral na recusa de qualquer misticismo ou transcendência religiosa. Em não poucos versos, os três principais heterônimos de Pessoa, cada um a seu modo, revelam um projeto literário no qual a religião e os deuses não aparecem senão como objeto de críticas e pretexto para a invenção de contra-dogmas. Assim, os poemas curtos de Ricardo Reis, em sua fascinante contenção e equilíbrio, apelam à razão e ao bom senso para, dian-

te das crises, buscar a resposta além dos deuses. Álvaro de Campos, integrado ao mundo moderno e, ao mesmo tempo, histérico, deprimido e solitário, vive num sonhar irrequieto que exclui a religião. A simplicidade fingida de Alberto Caeiro, com seus versos amenos e harmoniosos, faz troça das tradições e do acatamento obediente de dogmas esdrúxulos do cristianismo.

Também o semi-heterônimo Bernardo Soares, o “ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa”, “autor” do *Livro do Desassossego*, marca sua “auto-biografia sem fatos” com inúmeras referências a Deus e aos deuses. O vocábulo, no singular ou no plural, aparece mais de cem vezes no livro, entrelaçado a uma matéria-prima profundamente ambígua, demasiadamente humana. Transitam pela obra, a um só tempo, autocomiseração e orgulho, serenidade e angústia, beleza e senso do ridículo, humor e depressão. Bernardo Soares atribui aos Deuses ou ao Destino – tanto faz – o ridículo de sua existência miúda, frente à qual se exhibe, entretanto, impassível e sereno: “Ter o que me dê para comer e beber, e onde habite, e o pouco espaço livre no tempo para sonhar, escrever – dormir – que mais posso eu pedir aos Deuses ou esperar do Destino?” (PESSOA, 1986a, p. 72).

Certas leituras da obra de Pessoa enxergaram na sua invenção heteronímica a expressão de uma personalidade esquizofrênica marcada pela precoce perda do pai e por uma identidade oscilante entre ser britânico ou português. Outras leituras buscaram na crise europeia das primeiras décadas do século XX o cenário referencial para explicar seu nihilismo e sua angústia. Na esteira dessas leituras que vincularam a obra de Pessoa a seu momento histórico, certa recepção antropológico-teológica da obra enxergou em sua negatividade um brado profético que denunciava o falseamento da

religião cristã e atestava a crise da razão moderna.

Em linha de princípio, e aduzindo como justificativa certo interesse de leitor pela “história” da obra pessoana, não há por que negar a validade daquelas leituras. A perspectiva de leitura que vincula Pessoa ao seu momento histórico e o interesse por aspectos formais de sua obra não configuram compreensões entre si contraditórias ou excludentes. De fato, inúmeros indicadores textuais da obra pessoana permitem correlacionar a tessitura da ficção heteronímica e a “biografia” de Pessoa. (Cf. GUSMÃO, 1986, p. 12-18).

Entretanto, vale sublinhar que estamos falando de uma invenção poética, cujo autor ortônimo, o “Pessoa-ele-mesmo”, apresenta-se descaradamente (ou mascaradamente?) um fingidor, “um novelo embrulhado para o lado de dentro” (PESSOA, 1986c, p. 108). Avisa o poeta: “O estudo a meu respeito [...] peca só por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos, por eu, artisticamente, não saber senão mentir. (PESSOA, 1946, p. 224 citado por BERARDINELLI, 1986, p. 16).

As informações e “avisos” acima esboçados constituirão o pano de fundo sobre o qual será construída nossa leitura do *Livro do Desassossego*. O artigo buscará realizar uma dupla tarefa: destacar, a partir de alguns fragmentos do *Livro do Desassossego*, o uso dos termos Deus e deuses na construção do drama teatral/existencial encenado/vivido por Bernardo Soares/ Fernando Pessoa; e, concomitantemente, trazer à tona e discutir alguns percursos e observações de ordem metodológica escolhidos para a realização da leitura da obra. O texto se organizará em três seções: i) Considerações gerais, relativas ao “bom senso metodológico”, em favor de uma “boa leitura” da obra literária no âmbito da

Teopoética; ii) Leitura de excertos do *Livro do Desassossego*, sob a visada da antropologia teológica, e discussão de suas possibilidades; iii) Leitura de excertos do *Livro do Desassossego*, afirmando a dimensão religiosa da “forma artística”, com destaque para aspectos metodológicos relacionados à contextualização histórica da obra e à questão heteronímica.

1. Ordenamentos metodológicos: escolhas e acasos

As pesquisas e publicações em Teopoética têm se revelado abundantes. (Cf. CANTARELA, 2014). Entretanto, paira sobre elas certa dúvida acerca de seu valor acadêmico. São muitas as perguntas que configuram tal incerteza: Como destacar os valores existenciais manifestos pelas obras literárias, de interesse à antropologia teológica, sem desprivilegiar seus traços formais, característica inalienável da arte? Como dar sustentação acadêmica a textos que, a despeito de representarem boa reflexão antropológica, apresentam-se demasiadamente ensaísticos? Sob que pressupostos os textos literários poderiam ser utilizados como fonte de pesquisa também para as Ciências da Religião? Ou, em outras palavras: que interesse poderia ter para o campo de estudo do cientista da religião a encenação literária do fato religioso?

Não há como abordar, aqui, cada uma dessas questões. A propósito, observa-se que são questões que não se restringem ao âmbito da Teopoética. Estas e outras perguntas de igual teor são atravessadas pelo debate mais amplo relativo à epistemologia das ciências humanas: o que designamos com a categoria “ciência” e o que lhe serve de fundamento? Mais particularmente, a dificuldade correlaciona-se ao grau de cientificidade que convém atribuir à Teologia e às Ciências da Religião, ainda que se autocompreendam como áreas acadêmicas consolidadas.

Tomando esses questionamentos como desafio, sugerimos alguns caminhos que podem ser úteis na consecução do diálogo entre religião e literatura. Não se trata de uma metodologia, no sentido de oferecer os

fundamentos teóricos sobre os quais se pode assentar a realização de uma determinada ciência. Trata-se não mais que de algumas observações que podem subsidiar, em sua especificidade, a prática de leitura que constrói pontes entre o texto literário e o âmbito da religião.

Por suposto, uma das primeiras exigências para a realização do que se pode avaliar como uma “boa leitura”, em Teopoética, diz respeito à clareza e à informação mínima relacionadas às escolhas que envolvem o tema ou o texto literário objeto da pesquisa e os vieses a partir dos quais o recortamos. Assim, se tomamos como assunto o *Livro do Desassossego*, torna-se necessário considerar: trata-se de uma obra inacabada, literalmente um pacote de rascunhos, de um dos mais proeminentes poetas do século XX. Para além de sua forma inconclusa, o *Livro do Desassossego* traz como matéria-prima o dilaceramento, a angústia e a depressão, característicos de um momento histórico marcado pela crise da tradição cristã e da razão moderna. Essas marcas, por si só, tornam a obra de especial interesse para sua abordagem teológica. Ademais, os rascunhos de Pessoa trazem expressas referências ao campo religioso. Além da leitura atenta da obra literária e das informações mínimas a seu respeito, a recepção teológica da obra (aqui, o *Livro do Desassossego*) pressupõe obviamente que o leitor maneje ferramentas próprias do método teológico. (Sobre isso voltaremos adiante).

Outro aspecto metodológico a considerar, em vista da boa leitura, diz respeito ao conjunto de interesses e acasos que antecedem e subjazem a essa leitura. Este aspecto em geral não aparece de forma expressa nas produções acadêmicas da área. De qualquer modo, a busca por garantir cientificidade à pesquisa exige pelo menos que se pergunte: De onde vem o interesse em ler o *Livro do Desassossego* de Fernando

Pessoa? Com que objetivos realizo sua leitura? ¹ Ainda que as razões de nossas leituras e pesquisas sejam marcadas por maior ou menor grau de fortuidade, a clareza quanto a suas motivações de fundo integra o rol das exigências que configuram o distanciamento crítico exigido pelo trabalho científico.

Um terceiro ponto a levar-se em conta, no interesse da Teopoética, correlaciona-se ao “jogo” mais ou menos tenso que o leitor joga consigo mesmo ao buscar trechos da obra literária com os quais dialogar. Além das expressas referências a Deus e aos deuses, o *Livro do Desassossego* traz inúmeras passagens que, lidas sob viés religioso, certamente podem servir de pretexto para a construção do discurso da antropologia teológica. Diz uma das tantas folhas de papel que integram o *Livro*: “Sofro uma ternura como se um deus visse. Vejo-os a todos através de uma compaixão de único consciente, os pobres-diabos homens, o pobre-diabo humanidade. O que está tudo isto a fazer aqui?” (PESSOA, 1986a, p. 50). Pouco adiante, no mesmo rascunho, diz o narrador: “Como alguém abstratamente materno, debruço-me de noite sobre os filhos maus como sobre os bons, comuns no sono em que são meus. Enterneço-me com uma largueza de coisa infinita.” Diante dessa “ternura informe e imensa por toda a humanidade infantil, por toda vida social dormente, por todos, por tudo”, como poderá o leitor-teólogo não construir uma referência para falar do rosto materno de Deus?

Entretanto, inúmeras vezes no *Livro do Desassossego* a referência a Deus distancia-se da ternura e dirige-se ao mundo das dúvidas, quando não da ironia e da troça. Numa passagem sobre o tédio, diz o poeta:

O tédio... Quem tem deuses nunca tem tédio. O tédio é

1. Tomei conhecimento da obra do poeta português no curso “Fernando Pessoa e o surgimento do sujeito literário”, ministrado pela Prof.^a Lélia Parreira Duarte, em 2006, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Posteriormente, preparei os rascunhos de uma comunicação sobre o *Livro do Desassossego* para apresentar em evento na Universidade Federal de Viçosa, MG. Não participei do evento e as anotações servem-me agora parcialmente para a construção de um texto a ser submetido a uma revista da área de Teologia e Ciências da Religião.

a falta de uma mitologia. A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o ceticismo não tem força para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade. (PESSOA, 1986a, p. 196).

Quem poderia sustentar, desde uma visada teológica, que a descrença em Deus, afirmada a cada três ou quatro páginas do *Livro do Desassossego*, representa necessariamente fechamento ao mistério da existência? Assim, frente à indiscutível riqueza do conjunto da obra de Pessoa, frente ao caráter fragmentário e inacabado do *Livro do Desassossego*, e sob a compreensão de que uma obra se abre a sempre novas e múltiplas leituras, reiteramos as perguntas: Quais fragmentos escolher? Sob que viés crítico? Qual teologia marcará nossa leitura da obra literária? Qual contribuição tal leitura poderá oferecer às Ciências da Religião?

Na busca por responder a essas questões que configuram o jogo das escolhas, importa lembrar uma “regra” básica: Não utilizar o texto literário como mero enfeite do discurso teológico. Ou, sob outra formulação, não fazer do texto literário *tabula rasa* para projeção da nossa compreensão religiosa de mundo. Ou, no jargão já conhecido entre os pesquisadores da área, não “batizar o poeta”. Certamente, o ato da leitura configura uma dinâmica cujo polo dinamizador situa-se no leitor e no seu mundo. De qualquer modo, o diálogo equilibrado (no sentido de uma reciprocidade de vozes) entre o leitor, com seu horizonte de expectativas, e o texto, com suas marcas características e sua história, pode funcionar como “controle” da leitura. Evitar-se-á, no extremo, que o leitor-teólogo utilize a obra de Pessoa para, ao fim e ao cabo, não permitir que Pessoa diga alguma coisa.

Uma última consideração, de caráter geral, acerca da leitura teológica de obras literárias, correlaciona-se àquilo que a academia escolástica cunhou de *status quaestionis*; ou “estado da arte” no atual jargão acadêmico. No âmbito da Teopoética, trata-se da exigência de, na leitura

de uma obra literária, ter em conta a história das sucessivas recepções críticas da obra. Certamente, a realização de uma “nova leitura” de uma obra literária diz menos respeito a possíveis novidades oriundas do trabalho crítico e, muito mais, ao fato de um novo leitor estar lendo a obra, ainda que não ultrapasse o limite do já conhecido. De qualquer modo, a “revisão da literatura” representa importante ferramenta metodológica no sentido de fazer a pesquisa avançar. Assim, sem entrar nos detalhes do debate, compreendemos que uma boa leitura teológica da obra de Pessoa só terá a lucrar se levar em conta o trabalho de Maria Aliete Galhoz, Cleonice Berardinelli, Jacinto do Prado Coelho, Jorge de Sena, Eduardo Lourenço, Manuel Gusmão, José Gil e outros críticos da obra pessoana.

Depois dessas observações gerais, relativas ao “bom senso metodológico”, passamos à leitura de alguns excertos do *Livro do Desassossego*, procurando destacar algumas possibilidades de recepção religiosa da obra. Em obediência aos objetivos propostos, buscar-se-á também apontar aspectos metodológicos envolvidos na leitura.

2. Leituras teológicas do Livro do Desassossego

Aprendemos, no âmbito acadêmico, que o objeto primeiro da teologia é “Deus e tudo o que se refere a ele, isto é, o mundo universo: a criação, a salvação e tudo o mais” (BOFF, 1998, p. 43). Aprendemos também, todavia, que não é o assunto – Deus, o sagrado, as hierofanias – que define a teologicidade dos discursos religiosos, mas o aspecto, a faceta, a razão específica sob a qual esses discursos são construídos.

Basta folhear o *Livro do Desassossego* e encontraremos inúmeras referências ao assunto primeiro da Teologia: Deus. Diz Bernardo Soares: “Prefiro a vida, vamos, ao mesmo Deus que a criou”. (PESSOA, 1986a, p. 76). Referindo-se à tempestade e aos trovões que se afastavam, afirma: “Deus cessara”. (PESSOA, 1986a, p. 83). Confessando-se um nada perante a existência, chama os homens de “enteados de Deus”.

(PESSOA, 1986a, p. 87). Ou, ainda, expressa a recusa de Deus num tom que se confunde com uma confissão de fé: “É tudo a falta de um Deus verdadeiro que é o cadáver vácuo do céu alto e da alma fechada. Cárcere infinito – porque és infinito, não se pode fugir de ti!” (PESSOA, 1986a, p. 145).

Se, em linha de princípio, “não há coisa sobre a qual não se possa fazer teologia” – parafraseando Boff (1998, p. 46) –, não é contudo porque se refere a Deus que um asserto será teológico. Certamente, não se cogita conferir ao autor do *Livro do Desassossego* o diploma de teólogo. A tarefa do teólogo, em sentido estrito, diz respeito ao trabalho sistemático, de elaboração teórica dos discursos sobre Deus, em geral associados a uma determinada tradição religiosa. Ainda que abundem no *Livro do Desassossego* as falas sobre Deus e deuses, incluindo o Cristo e a Virgem Maria, não se pode atribuir a essas falas, sem mais, os traços estritos de um discurso teológico.

Permanece, no entanto, a questão de fundo: se o que define a teologicidade de um discurso sobre Deus encontra-se na faceta sob a qual o discurso é construído, como saber se na poesia de Pessoa há ou não um olhar teológico? Ainda que partíssemos do pressuposto da fé como condição de possibilidade de toda teologia, poderíamos ainda, seguindo Tillich (2005, p. 27-30), perguntar: Quem poderia dizer, de si mesmo ou de outrem, que está na situação de fé? Como dizer que o *Livro do Desassossego*, enquanto expressão de abertura ao mistério da vida, não colocaria seu autor no círculo do teológico? Que um excerto do *Livro* reivindique este lugar. Ao retornar de suas fantasias e dar-se conta de que não era nem fidalgo nem vagabundo, e que necessitava voltar à rua e ao escritório onde vivia seu dia-a-dia infeliz, reflete o personagem-narrador:

Mas, enfim, também há universo na Rua dos Douradores. Também aqui Deus concede que não falte o enigma do viver. E por isso, se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrair de entre as rodas e as tábuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter. (PESSOA, 1986a, p. 248).

A linguagem religiosa, em sua condição fundamental de, ao mesmo tempo, falar e não falar a realidade misteriosa de Deus, recorre com frequência a antropomorfismos e superlativismos de toda espécie. Assim, Deus fala, tem projetos em nosso favor, socorre, salva. Em contraposição aos nossos limites, destacamos seus atributos superlativos: poderoso, onisciente. Outras vezes, atribuímos-lhe características do mundo animal ou da natureza: a ferocidade do leão, a mansidão do cordeiro, a força do touro, a acuidade de visão da águia, o troar das tempestades ou das cachoeiras. Outras vezes ainda, pensado à nossa imagem e semelhança, Deus se reveste das nossas virtudes, paixões e taras. No extremo, os paradoxos que inventamos para falar de Deus, chegando a transgredir os limites da linguagem, rasurando o léxico e a sintaxe, podem representar – plagiando Boff (1998, p. 334) – o “esforço desesperado” para significar algo de transcendente. Sem discutir – no âmbito conceitual da teologia – o caráter perfectível dessa linguagem, ou os possíveis equívocos a que ela poderia conduzir, observa-se, de qualquer modo, que a linguagem religiosa apresenta-se marcadamente metafórica, no sentido em que desdobra possibilidades de ler e “redescrever” o mundo.

No *Livro do Desassossego*, podemos encontrar um amplo leque dessas representações metafóricas a respeito de Deus, algumas vezes revelando uma imagem inesperada e diversa daquela a que estamos acostumados. Assim, referindo-se à condição de explorados que somos, pelo dono da loja ou pela vaidade, conclui o narrador: “Há os que Deus mesmo explora, e são profetas e santos na vacuidade do mundo.~ (PESSOA, 1986a, p. 60). Se a ideia de um Deus explorador causa estranheza, que dizer de um Deus chorão, feito criança a quem lhe tiram a concha inútil encontrada na praia? “Choram como um Deus a quem lhe roubam um universo recém-criado”. (PESSOA, 1986a, p. 251). Que tal um Deus preguiçoso que realiza milagres para escapar do trabalho? “O milagre é a preguiça de Deus, ou, antes, a preguiça que Lhe atribuímos, inventando o milagre.” (PESSOA, 1986a, p. 279). Observe-se que as metáforas, destacadas acima, foram retiradas de seu lugar originário com a

intenção de ilustrar o modo inusitado ou gracioso criado pelo poeta para referir-se a Deus. Em sua maioria, as breves falas sobre Deus aparecem de modo fortuito, no bojo de passagens que descrevem o cotidiano do “autor”, com suas amarguras e seus sonhos, grandezas e futilidades. Seu foco central não se dirige propriamente a Deus. Entretanto, também encontramos fragmentos que, pelo teor do assunto e pelo tratamento um pouco mais extenso que recebem, podem ser lidos como verdadeiras formulações de valor teológico. Assim, por exemplo, acerca do bem e do mal, reflete Bernardo Soares:

Podemos dizer que não sabemos bem o que é o mal, não podendo por isso afirmar se uma coisa é má ou boa. O certo, porém, é que uma dor, ainda que para nosso bem, é em si mesma um mal, e basta isso para que haja mal no mundo. Basta uma dor de dentes para fazer descrever na bondade do Criador. Ora, o erro essencial deste argumento parece residir no nosso completo desconhecimento do plano de Deus, e nosso igual desconhecimento do que possa ser, como pessoa inteligente, o Infinito Intelectual. Uma coisa é a existência do mal, outra a razão dessa existência. A distinção é talvez sutil ao ponto de parecer sofisticada, mas o certo é que é justa. A existência do mal não pode ser negada, mas a maldade da existência do mal pode não ser aceite. Confesso que o problema subsiste, mas subsiste porque subsiste a nossa imperfeição. (PESSOA, 1986a, p. 254).

Há fragmentos que, sem medo de incorrer em devaneios, podem ser tomados como oração. De um lado, o grito de rejeição de Deus: “Nunca encontrar Deus, nunca saber, sequer, se Deus existe! [...] A união com Deus nunca!” (PESSOA, 1986a, p. 240). De outro, o choro da pobre criança órfã que busca o colo e o afeto materno do pai Deus. Vejamos, *in extenso*, esta passagem:

Onde está Deus, mesmo que não exista? Quero rezar e chorar, arrepende-me de crimes que não cometi, gozar ser perdoado como uma carícia não propriamente materna. Um regaço para chorar, mas um regaço enorme, sem forma, espaçoso como uma noite de verão, e contudo próximo, quente, feminino, ao pé de uma lareira

qualquer... [...] E tudo isto muito grande, muito eterno, definitivo para sempre, da estatura única de Deus, lá no fundo triste e sonolento da realidade última das coisas... [...] Afinal eu quem sou, quando não brinco? Um pobre órfão abandonado nas ruas das sensações, tiritando de frio às esquinas da Realidade, tendo que dormir nos degraus da Tristeza e comer o pão dado da Fantasia. De um pai sei o nome; disseram-me que se chamava Deus, mas o nome não me dá idéia de nada. Às vezes, na noite, quando me sinto só, chamo por ele e choro, e faço-me uma idéia dele a quem possa amar... Mas depois penso que o não conheço, que talvez ele não seja assim, que talvez não seja nunca esse o pai da minha alma... [...] Se um dia Deus me viesse buscar e me levasse para sua casa e me desse calor e afeição... (PESSOA, 1986a, p. 332-333).

Retomemos entretantes a questão da teologicidade do *Livro do Desassossego*. Ainda que possamos destacar na obra aspectos de interesse teológico, como fizemos até aqui, não se trata, de qualquer modo, de buscar na obra do poeta português o discurso religioso sistemático da racionalidade da teologia. Trata-se, isto sim, de enxergar ali a razão intuitiva que se abre, percebe, contempla, acolhe, apreende o mundo na sua condição de mistério, ainda que expresso sob o signo do paradoxo, do nihilismo, da negação, do anti-dogma. Se, ao fim e ao cabo, é impossível à mesma teologia sistemática saber quem é Deus, não se constituirá melhor fala sobre Deus aquela que se reveste da linguagem da oração, do oráculo, da intercessão, da homologia, das formas poéticas?

Há todavia um outro aspecto da questão, ao qual acenamos anteriormente, sobre o qual torna-se necessário jogar mais luz: a questão das escolhas de leitor. Em parágrafos anteriores, utilizamos algumas vezes, propositalmente, o verbo “encontrar” para dizer que o *Livro do Desassossego* aborda certos assuntos e porta certos traços que o configuram como um “dado” perante o leitor. Vejamos: sem usar de meias palavras, o “autor” do *Livro do Desassossego* confessa sua náusea frente à fortuna dos que vivem sem se dar por isso: “Tenho a náusea física da humanidade vulgar, que é, aliás, a única que há. E capricho, às vezes,

em aprofundar essa náusea, como se pode provocar um vômito para aliviar a vontade de vomitar.” (PESSOA, 1986a, p. 61). Nos limites do ordinário e cotidiano, o desgosto pela vida, como por “um remédio inútil”, dirige-se ao trabalho de “ajudante de guarda-livros” no escritório do patrão Vasques. Viram-se as páginas do *Livro* e o mesmo sentimento de banalidade da vida abarca a arte e a religião.

As marcas textuais (temas, vieses, concepção de mundo, vocabulário, estilo, estrutura etc) presentes no texto, não resultam da leitura. São indicadores *do texto* que oferecerão certa rota de leitura ao leitor de qualquer época. Ocorre, todavia, que as marcas textuais não apenas “aparecem”, “se encontram” ou “abundam” na obra literária, mas “são destacadas” pelo olhar do leitor, que disporá de ferramentas e informações mais ou menos sofisticadas com que municiar sua leitura. Assim, frente ao risco e à impossibilidade reais de atribuir ao *Livro do Desassossego* um “caráter” teológico, avalia-se como mais adequado e pertinente pensar que se trata de uma “atribuição” de valor teológico à obra, construída pelo leitor, sob determinados vieses de leitura.

Aceitos tais pressupostos, pode-se então pensar em várias possibilidades de leitura teológica da obra de Pessoa. Sob certo enfoque, definiu-se a teologia como reflexão sistemática a partir de um depósito estável de uma revelação divina acabada, de tradições normativas imutáveis, que impõem aos crentes uma compreensão única e definitiva de sua própria existência. Para essa compreensão de teologia, o texto literário servirá de não mais que linguagem de empréstimo para ilustrar o discurso teológico. Esse modo de fazer teologia não teria dificuldades em, por exemplo, fazer uso do Alberto Caeiro para reafirmar o “Menino Jesus Verdadeiro” como “a criança tão humana que é divina”. (PESSOA, 1986b, p. 144-145). Mas certamente teria grande resistência em aceitar, no mesmo poema, a imagem de Deus como a de um “velho estúpido e doente, sempre a escarrar no chão e a dizer indecências”. E igualmente rejeitaria chamar o Espírito Santo de “pomba estúpida”; e dizer de Maria que “não era mulher: era uma mala” em que o Menino Jesus tinha vindo

do céu. (PESSOA, 1986b, p. 144).² Em vista de uma interlocução mais livre e mais fértil entre teologia e literatura, convém que se recuse o modelo de leitura que se sustenta sobre tal concepção de teologia.

Outro modo de ler teologicamente o *Livro do Desassossego* (ou qualquer obra literária) inspira-se na compreensão teológica da criação cultural, herdada de teólogos como Romano Guardini, von Balthasar e, principalmente, Paul Tillich. Conforme Tillich, “o sagrado é a qualidade daquilo que preocupa o ser humano de forma última. Só aquilo que é sagrado pode dar ao ser humano uma preocupação última, e só aquilo que confere ao ser humano uma preocupação última possui a qualidade de santidade” (TILLICH, 2005, p. 223). A partir desse fundamento, estabelece o primeiro critério formal da teologia: “O objeto da teologia é aquilo que nos preocupa de forma última. Só são teológicas aquelas proposições que tratam de seu objeto na medida em que ele pode se tornar questão de preocupação última para nós.” (TILLICH, 2005, p. 30).

No *Livro do Desassossego* aparece reiteradas vezes a afirmação da infância perdida, da qual restou a memória das tias que acreditavam em Santa Bárbara ou do tique-taque de um velho relógio. Pergunta o narrador: “Que tenho eu com deuses que não tem o meu relógio antigo?” E propõe a troca: “Dá-me outra vez a infância e leva Deus contigo”. (PESSOA, 1986a, p. 235-2360). A esse sentimento de abandono contrapõe-se a consciência adulta que pergunta pelo sentido do viver. Poderíamos enxergar aí uma “preocupação última” do autor da obra? Reclama Bernardo Soares: “Deus criou-me para criança, e deixou-me sempre criança. Mas por que deixou que a Vida me batesse e me tirasse os brinquedos, e me deixasse só no recreio, amarrotando com mãos tão fracas o bibe azul sujo de lágrimas comprimidas?” (PESSOA, 1986a, p. 182). Ao choro da criança só e ao seu gesto de amarrotar o avental sujo

2. A primeira seção do poema VIII da coletânea *O Guardador de Rebanhos*, do heterônimo Alberto Caeiro, certamente inspirada em *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueira, tece um contraponto entre o “tudo é estúpido” do céu e o “eternamente humano e menino” de um Jesus fujão que desce do céu e deixa-se tomar ao colo. (PESSOA, 1986b, p. 143-146).

de lágrimas, faz eco a dor do coração já adulto que, frente à chegada do outono (da vida?), sente “o cansaço antecipado de todos os gestos, a desilusão antecipada de todos os sonhos”. (PESSOA, 1986a, p. 109). Assim termina um texto de duas páginas sobre o outono:

Tudo quanto pensei, tudo quanto sonhei, tudo quanto fiz ou não fiz – tudo isso irá no outono, como os fósforos gastos que juncam o chão em diversos sentidos, ou os papéis amarrotados em bolas falsas, ou os grandes impérios, as religiões todas, as filosofias com que brincaram, fazendo-as, as crianças sonolentas do abismo. Tudo quanto foi minha alma, desde tudo a que aspirei à casa vulgar em que moro, desde os deuses que tive ao patrão Vasques que também tive, tudo vai no outono, tudo no outono, na ternura indiferente do outono. Tudo no outono, sim, tudo no outono... (PESSOA, 1986a, p. 109).

Inúmeros textos do *Livro* descrevem a existência como um nada abissal, “um oceano infinito em torno de um buraco em nada”, onde o “eu, verdadeiramente eu” se reconhece como “o centro de tudo com o nada à roda”. (PESSOA, 1986a, p. 156). A insidiosa negatividade e a “distância fatal entre o sonho e a realidade” que caracterizam o personagem-narrador de Pessoa/Bernardo Soares – conforme expressão de Perrone-Moisés (1986, p. 18) – não turvam entretanto sua capacidade de enxergar beleza na simples presença de uma mosca varejeira, com seu “vago zumbido que não era do escritório”, pousada em cima do tinteiro: “Contemplei-a do fundo do abismo, anônimo e disperso. Ela tinha tons verdes de azul preto, e era lustrosa de um nojo que não era feio. Uma vida!” (PESSOA, 1986a, p. 95).

O percurso realizado até aqui permite concluir: A combinação de vozes representada, de um lado, pelos indicadores textuais oferecidos pela obra literária e, de outro, pelas buscas do leitor-teólogo certamente configura as possibilidades para a interlocução entre

teologia e literatura. Sob esse pressuposto, não se duvida de que o conteúdo profundamente humano do *Livro do Desassossego* se oferece como fértil terreno de reflexão teológica, particularmente sob o viés da antropologia teológica. Entretanto, o exercício de tecer interlocuções entre o discurso teológico e o discurso literário coloca outra questão: como pensar o diálogo entre teologia e literatura considerando não (apenas) os valores existenciais manifestos como conteúdo da obra literária, mas primordialmente seu aspecto formal, estritamente estético, artístico?

Passamos agora a discutir alguns aspectos formais do *Livro do Desassossego*, com o intuito de afirmar o fazer poético como “preocupação última”. Também aqui, em vista dos objetivos propostos, buscaremos destacar alguns aspectos de interesse metodológico: a consideração do *Livro do Desassossego* em correlação com o conjunto da obra de Fernando Pessoa; e a utilização de informações históricas como ferramenta crítica auxiliar na leitura da obra literária.

3. A forma artística como linguagem de/sobre Deus

Segundo a “teologia da cultura”, proposta por Tillich e outros teólogos, consideram-se teológicas, em sentido amplo, aquelas criações culturais que tratam de seu objeto enquanto ele pode se tornar questão de preocupação última para nossa existência. (TILLICH, 2005, p. 30). Já falamos disso anteriormente. Discutindo a respeito desse “conteúdo” da teologia, Paul Tillich dá exemplos de “preocupações preliminares” que podem se tornar em objeto possível da teologia. Diz o teólogo: “Quadros, poemas e música podem se tornar objetos da teologia, não sob o ponto de vista de sua forma estética, mas de seu poder de expressar, em e através

de sua forma estética, alguns aspectos daquilo que nos preocupa de forma última” (TILLICH, 2005, p. 31). Na mesma direção, também Boff afirma que a teologia passa por mediações como a poesia e o canto. Diz expressamente: “A fala da fé, se não é ‘apofântica’ (declarativa, judicial), será sempre uma fala semântica, ou seja, sensata, significativa” (BOFF, 1998, p. 69. Cf. também p. 599).

Em ambos os teólogos citados, observa-se que estabelecem uma nítida distinção entre conteúdo (teológico) e forma (poética). Em Tillich, a “forma estética” é meio “em e através” do qual nossa preocupação última poderá se expressar. “O sagrado necessita ser expresso e só pode ser expresso através do secular” – diz Tillich. (2005, p. 226). Clodovis Boff fala de poesia como “mediação” teológica. Sem negar o caráter de mediação da linguagem, em geral, e da linguagem poética, em particular, coloca-se todavia a pergunta: seria razoável considerar o fazer literário e seu produto, a obra literária, em sua forma estética, como “preocupação última” e, como tal, objeto formal da teologia?

A pergunta a encontramos graciosamente formulada pelo narrador do *Livro do Desassossego*. Obviamente, ele não está preocupado com a tarefa teológica. Entretanto, ao tecer considerações sobre escrever romances, deixa uma pergunta marcada por uma linguagem própria da teologia:

Os desastres dos romances são sempre belos porque não corre sangue autêntico neles, nem apodrecem os mortos nos romances, nem a podridão é podre nos romances. Quando o sr. Pickwick é ridículo, não é ridículo porque o é num romance. Quem sabe se o romance será uma mais perfeita realidade e vida que Deus cria através de nós, que nós – quem sabe – existimos apenas para criar? (PESSOA, 1986a, p. 393).

No mesmo rumo, em outra passagem do *Livro* encontramos uma

pergunta que permite entrelaçar diferentes pertinências semânticas para o verbo “dizer”. A pergunta encerra um longo diálogo (ou monólogo?) em que aparecem duas vozes: a do narrador e a de seu interlocutor – seria Deus? Ao longo do diálogo, frente às perguntas existenciais acerca do além, da transcendência, do inefável, da realidade última contrapõe-se a memória sobre as tias velhas, torradas, chá e algum relógio. Ao final, o narrador abre um parênteses, à guisa de uma partitura de teatro ao descrever um gesto, e termina com a fala do interlocutor divino: “(Pondo-lhe a mão no outro ombro, e envolvendo-o num abraço) – Ó filho, o que quer qualquer coisa dizer?” (PESSOA, 1986a, p. 237). Em que pese sua simplicidade, e considerando o teor das falas do diálogo, observe-se que a pergunta pode dirigir-se, a um só tempo, ao sentido da vida e à condição de a linguagem poder dizer alguma coisa.

Algumas passagens do *Livro do Desassossego* tecem uma inusitada oposição entre o conhecimento do mundo invisível e da linguagem dos deuses, de um lado, e do conhecimento da língua pátria, de outro. Comenta o narrador com boa dose de ironia:

O que sobretudo me impressiona, nesses mestres e sabedores do invisível é que, quando escrevem para nos contar ou sugerir os seus mistérios, escrevem todos mal. Ofende-me o entendimento que um homem seja capaz de dominar o Diabo e não seja capaz de dominar a língua portuguesa. [...] Por que há de gastar-se toda a energia da alma no estudo da linguagem dos Deuses, e não há de sobrar um reles bocado, com que se estude a cor e o ritmo da linguagem dos homens? (PESSOA, 1986a, p. 385).

Em outra fala, à questão do domínio do idioma, acrescenta-se o contraste entre o sentido da vida, cuja direção é o morrer, e o sobreviver na construção poética. Diz Bernardo Soares:

O ter tocado nos pés de Cristo não é desculpa para defeitos de pontuação. Se um homem escreve bem só quando está bêbado, dir-lhe-ei: embebede-se. E se ele me disser que o seu fígado sofre com isso respondo: o que é o seu fígado? é uma coisa morta que vive en-

quanto você vive, e os poemas que escrever vivem sem enquanto. (PESSOA, 1986a, p. 393).

Pode-se observar, nas citações destacadas acima, o entrelaçamento de assuntos relativos ao fazer poético com expressas referências ao âmbito da religião. Escrever romances e dominar o idioma formam par com criação, Diabo, mistérios, linguagem dos Deuses, Cristo. Nossa preocupação, entretanto, vai além desse nível de correlações. Trata-se, ao fim e ao cabo, de pensar a interlocução entre religião e literatura para além do fato de as temáticas religiosas ou de interesse da teologia constituírem marcas expressas do texto literário. Nessa direção, em relação à obra de Pessoa, poder-se-ia perguntar: Qual o valor religioso ou teológico da invenção heteronímica de Pessoa enquanto encenação literária?

A pergunta nos convoca a um “passeio” pela questão heteronímica particularmente porque situa o *Livro do Desassossego* no bojo do que se pode considerar uma das maiores invenções poéticas da literatura mundial. Sem negar o interesse dos “conteúdos” tratados por Pessoa em seus textos poéticos ou em prosa, no sentido de que poderiam oferecer possíveis respostas aos grandes problemas das primeiras décadas do século XX, importa destacar a “forma” como Pessoa construiu sua arte. Trata-se de, em nossa proposta, aceitar o solene desafio-convite de Perrone-Moisés: “Deixai toda esperança, ó vós que entraís no *Livro do Desassossego*. Mas, nesse inferno de subjetividade, vossa tristeza será recompensada por grandes emoções artísticas.” (PERRONE-MOISÉS, 1986, p. 23). Ademais, em vista dos objetivos deste artigo, a leitura do *Livro do Desassossego* na sua correlação com a questão dos heterônimos permite destacar dois outros aspectos metodológicos, intimamente entrelaçados: a consideração da obra em seu vínculo com o momento histórico de sua produção; e a exigência de ler o *Livro* em sua relação com o conjunto da obra do poeta. (Na conclusão retornaremos à questão do valor religioso da obra).

A obra de Fernando Pessoa foi construída no período que vai do

início da segunda década do século XX até a morte do autor, em 1935. Coincide, pois, com um momento histórico em que a crise do pensamento ocidental alcança seu paroxismo. O continente europeu vivia a primeira grande guerra, resultante das anteriores disputas por colônias e áreas de influência. Nas ciências, o racionalismo positivista, a perspectiva evolucionista, o historicismo cediam lugar a novos vieses epistemológicos. O pensamento filosófico e a tradição cristã perdiam terreno frente ao absurdo da guerra. Todo esse clima de crise estará presente na obra de Pessoa e, lido com os necessários filtros, pode servir para explicar seu pessimismo. Basta folhear sua obra em prosa (PESSOA, 1986c) e nos daremos conta do vasto leque de assuntos que preencheram seu interesse de escritor: anotações “autobiográficas” sobre o eu profundo, gênese e justificação dos heterônimos, paganismo e cristianismo nos heterônimos, ideias estéticas, da arte e da literatura, ideias filosóficas, ideias políticas em geral e aplicadas ao caso português, teoria e prática do comércio, ficção, contos, cartas.

Em relação à crise religiosa, o personagem-narrador do *Livro do Desassossego* sugere que seus contemporâneos substituíram Deus pela Humanidade. Bernardo Soares se posta, contudo, à margem senão acima dessa dinâmica, como aliás o faz também em relação a outros assuntos, realçando uma espécie de onisciência acerca da crise. Diz Pessoa/Soares, acerca de seu momento histórico:

Nasci num tempo em que a maioria dos jovens havia perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido – sem saber por quê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e porque não pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertencço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem [...] Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. [...] Assim, não sabendo crer em Deus, e não podendo crer numa soma de animais, fiquei, como outros da orla das gentes, naquela distância de tudo a que comumente se chama a Decadência. A Decadência é a perda to-

tal da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse pensar, pararia. (PESSOA, 1986a, p. 226-227).

Mais particularmente no âmbito das artes, a crise ocidental viu ruir os ideais neoclássicos e românticos do período anterior. Em seu lugar, tomaram vulto e se alternaram em movimentos de fluxo e refluxo as vanguardas com seus manifestos. Justamente aí, nesse movimento de fecunda renovação das artes e da poesia, podemos situar a criação literária pessoana. Na introdução à obra poética de Pessoa, Nelly Coelho destaca dois versos de um poema de 1913, intitulado *Hora absurda*, para referir-se ao lugar de antecipação e lucidez que Pessoa ocupa naquele movimento de mudanças. Dizem os versos: “Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim... Sou a Hora, e a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...” (PESSOA, 1986b, p. 43). Comenta Coelho: “Hoje, à distância, é fácil vermos que, naquele instante, Criação e Destruição se processavam intrinsecamente ligadas. Mas ver por inteiro tal fenômeno no próprio ato do acontecer exige uma percepção fora do comum, como era a do genial poeta.” (COELHO, 1986, p. XIII, *italico da autora*).

Um dos testemunhos mais inequívocos da genialidade do poeta é certamente a invenção dos heterônimos. Trata-se de uma criação única, em que os inúmeros nomes-obras ganham não apenas identidade literária (cada heterônimo tem seu estilo próprio), mas identidade plena, cujos dados cadastrais incluem data de nascimento e morte, traços físicos, doenças, endereço, formação escolar, colégio em que estudou, profissão, horóscopo, sentimentos, manias, datas (fictícias) da elaboração de seus poemas... Mais: alguns deles se conhecem, comentam seus próprios aprendizados, debatem entre si. Da lista de mais de uma dezena, destacam-se: Alberto Caeiro, morador do campo, sem formação acadêmica e mestre de alguns outros; Ricardo Reis, médico e escreve odes; Álvaro de Campos, engenheiro naval e sabe latim; e Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros (contador) na cidade de Lisboa, “autor” do *Livro do Desassossego*.

Fernando Pessoa publicou pouco em vida. Seu volumoso espólio literário (um baú com mais de 27 mil folhas de papel) tornou-se conhecido cerca de duas décadas depois de sua morte. Dentre os papéis, cinco envelopes traziam o material destinado a ser o *Livro do Desassossego*. Além dos envelopes separando os papéis e a referência ao projeto de escrever o *Livro*, Pessoa não deixou outros indicativos de como seria a publicação. Assim, devido às inúmeras possibilidades de organizar o variado material, o *Livro do Desassossego* será, conforme sugere Perrone-Moisés (1986, p. 12), “para sempre uma obra em mutação”.³

Quando a volumosa obra de Pessoa veio a público, uma das primeiras questões colocadas pela crítica tradicional preocupava-se em saber qual dos heterônimos retratava melhor o Pessoa ortônimo, o “ele-mesmo”. A pergunta não nascia por acaso. Na famosa carta a Adolfo Casais Monteiro, escrita em 13 de janeiro de 1935, ao explicar ao amigo como fazia para escrever em nome dos heterônimos, Pessoa atribui-lhes traços do seu próprio modo de ser. Assim, por exemplo, acerca de Bernardo Soares que, como ele, trabalha num escritório de contabilidade, escreve Pessoa: “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade.” (PESSOA, 1986c, p. 98).

Que a arte literária tenha a sua raiz, o seu ponto de partida na vida, no real, nas vivências cotidianas, nada mais razoável. O escritor, em alguma medida, faz-se intérprete de seu tempo. Assim, a julgar pela reiterada presença da confissão do absurdo da vida – qual “um relógio público parado” (PESSOA, 1986a, p.67) – pode-se inferir que a obra de Pessoa representou qualitativamente, no momento de sua construção, certos anseios e angústias do momento histórico do qual fez parte. Sob tal perspectiva, a obra de Pessoa compreende-se como “documento” –

3. Jorge de Sena, um dos primeiros a lidar com o material do *Livro do Desassossego*, sugeriu uma organização cronológica do material. Jacinto do Prado Coelho optou por dispor os fragmentos por “manchas temáticas”, ordenação seguida também por Leyla Perrone-Moisés para a edição que utilizamos neste trabalho. Para maiores detalhes, leia-se Perrone-Moisés (1986, p. 9-12).

em sentido estrito – de seu próprio tempo. Ao distanciar-se do momento histórico de sua construção, sua obra literária logrou e sempre poderá balizar, mesmo que em outra ótica e em perspectiva crítica posterior, reflexões sobre temas ou processos que o texto literário e seu contexto originário abordaram. Vale observar, de qualquer forma, que a encenação literária não se confunde com as vivências históricas por ela tematizadas.

Contrastando com a perspectiva “realista” da primeira crítica da obra pessoana, a visada crítica preconizada por Jorge de Sena e continuada por Eduardo Lourenço (1986), José Gil (2000), Manuel Gusmão (1986) e outros críticos apresentará novas chaves de leitura para a obra pessoana.⁴ Conforme esses autores, comparar o Fernando Pessoa histórico com qualquer um de seus heterônimos conduzirá necessariamente a paradoxos. Isso porque até mesmo o Fernando Pessoa ortônimo não esconde em inúmeros textos e poemas que o “Pessoa-ele-mesmo” não passa de um simulacro. Numa espécie de prefácio (de 1930?) para uma edição projetada de suas obras, ao apresentar os heterônimos, justifica Pessoa (qual deles?):

Com uma tal falta de literatura, como há hoje, que pode um homem de gênio fazer senão converter-se, ele só, em uma literatura? Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar seus amigos, ou quando menos, os seus companheiros de espírito? (PESSOA, 1986c, p. 83).

Assim, diante da “impossibilidade do nome próprio” – conforme expressão de Gusmão (1986, p. 19) –, torna-se de pouco interesse buscar e discutir correlações entre o ficcional do texto de Pessoa e sua história pessoal. Importa ver nele o simulacro, a visão paradoxal de ausências

4. Em vista de dar maior mobilidade ao texto e por restrição de espaço, optou-se por um uso livre dos críticos, nem sempre citando-os expressamente. Assinala-se, de qualquer modo, que o viés de leitura aqui adotado segue sua visada crítica. Suas obras, sobre as quais nos apoiamos para nossa leitura do *Livro do Desassossego*, são apresentadas na lista final de referências.

mais que o ser. Importa realçar o ortônimo heteronímico, o “ele mesmo” fingido. Importa ver nos heterônimos e no dialogismo existente entre eles a exibição de uma linguagem. A propósito do inconveniente de levar adiante a discussão sobre a “verdade” dos heterônimos, resume magistralmente Perrone-Moisés: “Não interessa saber se tal heterônimo era mais ou menos ‘verdadeiro’. Todos são falsos, porque são todos obras de linguagem, inclusive o ‘ele mesmo’; e todos são verdadeiros, porque a linguagem em que eles existem tem a verdade maior da poesia.” (PERRRONE-MOISÉS, 1986, p. 15).

Numa das “manchas temáticas” do *Livro do Desassossego* sobre o saber dizer, Pessoa/Soares desnuda o “jogo” que subjaz à sua criação literária. Em vista do interesse pela forma, a escolha do tema não poderia ser mais estranha: Deus. Explica o personagem-narrador:

Na falta de saber, escrevo; e uso os grandes termos da Verdade alheios: conforme as exigências da emoção. Se a emoção é clara e fatal, falo, naturalmente, dos Deuses, e assim a enquadro numa consciência do mundo múltiplo. Se a emoção é profunda, falo, naturalmente, de Deus, e assim a engasto numa consciência uma. Se a emoção é um pensamento, falo, naturalmente, do Destino, e assim a encosto à parede.

Umás vezes, o próprio ritmo da frase exigirá Deuses e não Deus; outras vezes impor-se-ão as duas sílabas de Deuses e mudo verbalmente de universo; outras vezes pesará [sic] ao contrário as necessidades de uma rima íntima, um deslocamento do ritmo, um sobressalto de emoção e o politeísmo ou o monoteísmo amolda-se e prefere-se. Os Deuses são uma função do estilo. (PESSOA, 1986a, p. 384).

Convocamos, propositalmente, a voz do narrador do *Livro do Desassossego* para encerrar a discussão e justificar seu interesse pela forma artística, lidando no entanto com o tema por nós escolhido. O fragmento inspirou o título do artigo.

Conclusão

O artigo ofereceu uma leitura do *Livro do Desassossego* a partir de alguns fragmentos que fazem referência a Deus/deuses. No exercício da leitura, foram destacados alguns aspectos metodológicos de interesse ao debate sobre as interfaces entre religião/teologia e literatura. À guisa de conclusão, retomamos algumas considerações tratadas ao longo do texto.

No plano mais geral do “bom senso metodológico”, apontamos alguns pressupostos básicos: ter conhecimento mínimo da obra literária a ser lida pelo viés da recepção teológica; ter clareza quanto às motivações a partir das quais se realiza a leitura; cuidar para que no diálogo com a obra literária haja reciprocidade de vozes entre autor/texto e leitor; ter em conta o estágio do debate sobre o tema ou obra literária escolhida.

O trabalho sistemático de elaboração teórica dos discursos sobre Deus, associados a esta ou àquela tradição religiosa, constitui tarefa do teólogo profissional. O discurso sobre Deus presente nas obras literárias não se situa, via de regra, no âmbito estrito da teologia. Todavia, o leitor-teólogo pode destacar da obra literária certas marcas textuais e construir, a partir delas, uma fala de caráter teológico. No interesse da teologia, destacam-se em geral das obras literárias aqueles indicadores textuais que se relacionam a valores e outros temas existenciais, os quais são tomados como matéria-prima para o discurso da antropologia teológica.

Em consideração ao caráter estético ou formal como dimensão intrínseca da arte, o artigo propôs a questão acerca da interlocução entre teologia e literatura enfatizando primordialmente o aspecto formal da literatura. Em vista de subsidiar a discussão, procurou-se situar Fernando Pessoa no seu momento histórico, como ferramenta crítica auxiliar à

compreensão de sua obra. Destacou-se particularmente a invenção dos heterônimos como uma das mais geniais criações formais da arte literária.

Em relação à pergunta sobre a “teologicidade” da arte literária enquanto “forma” artística, trazemos para debate algumas considerações. Teologia e literatura transitam entre a liberdade do imaginário e as instituições religiosas e sociais sob as quais elas se fazem. Sob esse pressuposto, a interlocução entre o discurso teológico (particularmente em suas expressões apofáticas, mais livres que as formas sistemáticas) e o discurso literário apresenta-se como fértil canteiro de reflexões.

A teologia, como qualquer outro discurso, é também ela representação, configuração, construção humana, passível de se autocompreender em relação à realidade história e às experiências em que se gestou. Sob o foco de um conceito mais dinâmico de teologia, o leitor-teólogo está à procura de formular sua experiência religiosa a partir da realidade histórica em que está inserido e dos anseios e desafios que o conhecimento dessa realidade lhe impõe. Para ele, então, a literatura – qualquer literatura – poderá oferecer-se como interlocutora na busca.

Compreendemos que a teologicidade das formas poéticas não se limita ao poder de expressar os conteúdos de nossa preocupação última. Sob o foco de uma compreensão teológica da existência, as formas poéticas serão, elas mesmas, enquanto poesia, expressões do sagrado. Serão teológicas não porque falam expressamente de Deus, dos deuses ou de alguma ‘preocupação última’. Serão teológicas – falarão de Deus – simplesmente porque são poesia.

O sentimento do belo, o sentimento do mundo, o humor, a excepcional forma artística encenada pelos heterônimos – dentre outros traços que marcam a obra de Pessoa – configuram uma linguagem que, lida pelo viés da teologia, coloca sua fonte no Mistério de onde brota toda criação. Nesse espaço mais amplo da inteligência da fé, pode-se compreender o fazer poético, não apenas enquanto mediação do discurso teológico, mas, ele mesmo, teologia. Se a teologia, por alguma razão,

não for capaz de abraçar tal compreensão do fazer poético, a espiritualidade o fará. A mística já o faz.

Referências

- BOFF, Clodovis. Teoria do método teológico. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANTARELA, Antonio Geraldo. As pesquisas em Teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1228-1251, out./dez. 2014.
- COELHO, Nelly Novaes. Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia. In: PESSOA, Fernando. *Obra poética. Seleção, organização e notas de Maria Arlete Galhoz*. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. XIII-XLIII.
- GIL, José. *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- GUSMÃO, Manuel. *A poesia de Alberto Caeiro*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: INCM, 1986.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Introdução ao Desassossego*. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego. Seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 7-37.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego. Seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986a.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética. Seleção, organização e notas de Maria Arlete Galhoz; Introdução por Nelly Novaes Coelho*. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986b.
- PESSOA, Fernando. *Obras em prosa. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986c.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática: três volumes em um*. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.